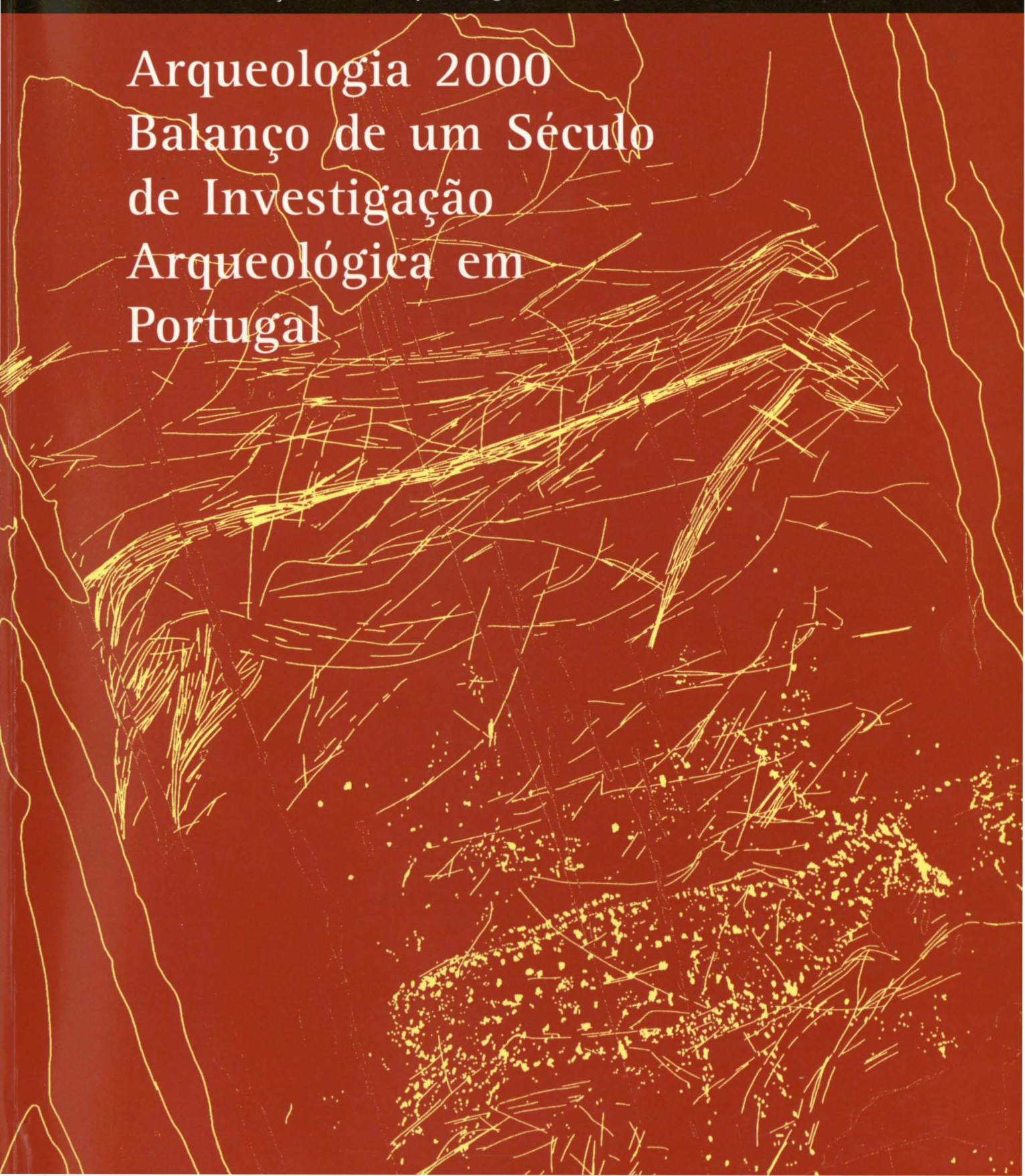


ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº54 | 2002

Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal



Titulo

Arqueologia e História

Volume

54

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, nº 4, 1º direito, 1200-092 Lisboa
Tel.: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Coordenação

José Morais Arnaud

Projecto gráfico

oficina de design Nuno Vale Cardoso & Nina Barreiros
Capa 2.º desenho original de M. V. Gomes

Impressão

Europress – Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Praceta da República, 15 – 2620-162 Póvoa de Santo Adrião
Tel.: 21 938 14 50 · Fax: 21 938 14 52
e-mail: europress@mail.telepac.pt

Tiragem

1000 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

ISSN

972/9451-39-7

Depósito legal

73446/93

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

Patrocínio



Antropologia Física e Paleoantropologia em Portugal: um balanço

Eugénia Cunha

Departamento de Antropologia
Universidade de Coimbra, 3000-056 Coimbra
cunhae@ci.uc.pt

Resumo

Pretende-se fazer o balanço das investigações paleoantropológicas no nosso País ao longo dos últimos 100 anos. Como este percurso evolutivo corresponde, em grande parte, ao da história da antropologia física, esta será aqui revista. O percurso evolutivo das três principais escolas antropológicas portuguesas, Lisboa, Porto e Coimbra, desde há cerca de 100 anos até à actualidade, é delineado. No que se refere a descobertas paleoantropológicas feitas no território português, é feita a revisão das mais relevantes, do crânio da Cesareda ao menino do Lapedo. Desde o dente de Neanderthal da Gruta Nova da Columbeira, com referência à Figueira Brava e Salemas, com uma passagem pelo material do Caldeirão e Lapa do Suão, serão abordadas, por ordem cronológica, os principais achados. Dar-se-á particular destaque às famosas colecções mesolíticas de Muge, uma referência paleoantropológica portuguesa incontornável. Do mesmo período focar-se-ão as séries dos Concheiros do Sado. Terminar-se-á com um balanço crítico e perspectivas a curto prazo do desenvolvimento da pesquisa paleoantropológica no nosso País.

1. História da Antropologia Física em Portugal

1.1 Os primeiros tempos

Datam dos finais do século XIX os primeiros trabalhos antropológicos portugueses que incidem sobre o estudo de ossos humanos. Pode assim afirmar-se que a história da antropologia biológica em Portugal tem mais de 100 anos, reflectindo e acompanhando, se bem que não sincronicamente, as direcções seguidas pela disciplina noutros Países da Europa Ocidental. No entanto, já alguns séculos antes, mais concretamente desde o século XVII, podem ser encontradas referências a curiosos portugueses eivados de preocupações antropológicas. Assim, por exemplo, terá sido o padre jesuíta Luís Mariano estabelecer, em 1613, a diferenciação entre os lémures de Madagáscar e os Antropóides dos continentes asiático e africano. Mais tarde, terá sido o médico António Ribeiro Sanches (1699-1783), a comu-

nicar a Buffon as suas observações sobre as raças humanas, posteriormente incluídas por este último no 3º tomo da sua *Histoire Naturelle* (in Cunha, 1982, p.7). O marco do início do ensino oficial da Antropologia é a criação da cadeira de *Antropologia, Paleoantropologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica* na Universidade de Coimbra, em 1985, que estava já no seguimento do movimento científico de outros países europeus, nomeadamente a França (Areia e Rocha, 1985). É na segunda metade do século XIX que surgem três pólos de Antropologia Física em Portugal. Em 1857, em Lisboa, era criada a *Comissão Geológica de Portugal*, com Carlos Ribeiro e Pereira da Costa como directores. O primeiro destes investigadores, juntamente com Nery Delgado, se bem que com formações diferentes, podem ser considerados como os primeiros antropólogos portugueses. As primeiras publicações sobre esqueletos humanos - a de Pereira da Costa (1865) sobre Muge, logo seguida da de Nery Delgado (1867) sobre os crânios da Cesareda - e ainda a organização do I Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Histórica, em 1880, em Lisboa (Congrès, 1884), são frutos desta escola em que o esqueleto humano era um dos alvos principais de investigação. Testemunho disso são, igualmente, os primeiros estudos de necrópoles (as da área de Cascais) e a continuação do estudo dos concheiros de Muge, iniciativas de Paula e Oliveira (1851-1889), que deve, segundo Xavier da Cunha (1982), ser assim considerado como o verdadeiro pioneiro da Antropologia Física em Portugal. A formação da conhecida colecção craniométrica Ferraz de Macedo (1845-1907), é outra prova do interesse crescente pela investigação em esqueletos.

Em Coimbra, a criação da cadeira de Antropologia foi proposta por Bernardino Machado, que estimulou fortemente os estudos em Antropologia Física. São disso testemunho os trabalhos da *Aula de Antropologia* (1904, 320 p.), onde se compilam vários trabalhos sobre o esqueleto realizados de 1885 a 1904. Ainda no princípio do século, a direcção do então Instituto de Antropologia fica a cargo de E. Tamagnini (1907-1950). A ele se deve a elaboração da internacionalmente conhecida colecção de esqueletos identificados. Para além desta colecção que reúne 505 esqueletos completos, o

Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (MAUC) possui ainda duas outras colecções craniométricas, nomeadamente a denominada por Trocas Internacionais, composta por 1075 crânios e a das Escolas Médicas, constituída por 550 crânios (Rocha, 1995). As três colecções, pertença do MAUC, têm funcionado como laboratórios de pesquisa a numerosos investigadores nacionais e internacionais (ver Rocha, 1995 e Santos, 2000).

No Porto, a terceira escola do país, a antropologia deve o seu desenvolvimento a Mendes Correia, cujo interesse se centrava fundamentalmente na evolução humana. Disso são testemunho muitas das suas publicações, como é o caso de um ensaio onde propõe uma classificação natural dos homínidos (1915). Outros destaques da sua obra são a proposição da designação de *Homo afer taganus* para os homens de Muge e a sua tendência para localizar na bacia do Índico o provável berço da humanidade (in Cardoso, 1999). Primeiro professor titular da cadeira de Antropologia no Porto (1912), Mendes Correia foi também o fundador, em 1918, da Sociedade Portuguesa de Antropologia.

Não obstante o arranque das análises paleoantropológicas em Portugal ter sido mais ou menos simultâneo com o de outros países, nomeadamente europeus, passou-se por um longo período de estagnação que resultou num inevitável atraso. A antropologia física esteve exagerada e demasiadamente ligada à craniometria. A obsessão pelos crânios durante o século XIX e ainda inícios do século XX, impediu que outras partes desta ciência antropológica fossem notadas e investigadas. O racismo intuitivo-sensorial que impregnou as ciências humanas no século XIX (Vieira, 1996) foi difícil de combater. Mesmo depois de desmascarada a fraude de Piltdown, que levou ao desenvolvimento de técnicas rigorosas na paleoantropologia, as teorias racistas continuaram a proliferar a ponto da antropologia física se ter tornado um domínio de polémicas envolvendo teorias racistas (Vieira, 1996). Broca, fundador da primeira associação de antropologia da Europa, a *Société d'Anthropologie de Paris*, em 1859, era "o maior craniómetro da altura, ou seja, o melhor medidor de cabeças" (Gould, 1981, 163). Para ele, crente da rela-

ção cérebro/raça, medir o crânio era a melhor maneira de determinar o seu conteúdo. Uma boa ilustração desta obsessão pelas medidas craniométricas é dada pela proeza do investigador A Von Torok que, em 1900, consegue concretizar 5000 medidas num só crânio (Nelson *et al.*, 1992). A craniologia torna-se a base da classificação antropológica, sendo os parâmetros físicos os caracteres antropológicos de primeira ordem. O esqueleto adquire um grande protagonismo. Portugal não foi excepção.

1.2 Do reinício dos estudos antropológicos à actualidade

Em Portugal, durante muito tempo, até à década de 80, inclusivé, o desempenho dum antropólogo físico estava demasiadamente ligado à ideia de medir crânios. Por isso, quando eram detectados restos ósseos humanos, se alguma importância lhes era dada, a primazia ia para o crânio. Simultaneamente, o relacionamento entre a antropologia biológica e a arqueologia demorou a ser reconhecido como essencial. Consequentemente, durante muitos anos os esqueletos humanos desempenharam um papel marginal na arqueologia. Tanto em contextos pré-históricos como históricos, são vários os exemplos em que os restos ósseos eram considerados irrelevantes e, por isso, menosprezados (tendência que alguns exemplos de sinal contrário- como é o caso das escavações de Muge e Sado, respectivamente desde os finais do século passado e décadas de 30 e 40, nas quais os ossos humanos adquiriram um grande protagonismo (Ribeiro, 1884; Arnaud, 1989), não conseguiram inverter). Será, com efeito, apenas a partir da década de 90, que os arqueólogos passam a incorporar, cada vez mais, o estudo de esqueletos nas suas pesquisas, o que, se, por um lado, evidencia o reconhecimento do potencial dos ossos e dos dentes humanos para a reconstrução da vida, não deixa, por outro lado, de colocar novos problemas. É que, se é claro que a boa cooperação entre arqueólogo e antropólogo em muito contribui para a obtenção de mais e melhores resultados, é hoje evidente o elevado grau de exigência que esse encontro acarreta para ambos, ao pressupor que um arqueólogo funcione como antropólogo

e vice-versa. Nem sempre esta exigência tem vindo a ser tida em devida conta. Efectivamente, o que conta não é a propensão para diluir pura e simplesmente as barreiras entre as várias áreas do saber, mas a capacidade para funcionar nos espaços de articulação entre elas (Martins, 2000). Pelo que o manancial de informação contido nos ossos humanos, pré-históricos ou de um passado recente, só pode ser credivelmente decifrado e interpretado por especialistas com uma larga experiência com a biologia do esqueleto. As ténues e muitas vezes enganadoras fronteiras entre o morfológico e o patológico assim o obrigam.

A acompanhar, de certo modo, este reconhecimento crescente da importância do papel desempenhado pelos vestígios ósseos humanos na compreensão do passado, está a própria evolução da osteometria. Esta, depois de um período áureo no século XIX, e parte do século XX, passou por uma fase de "descrédito", para, recentemente, conhecer uma nítida fase de reacreditação. Por outras palavras, numa fase inicial em que o medir era uma das tarefas mais importantes, senão mesmo a mais importante do trabalho dum antropólogo físico, tornou-se, mais tarde, óbvio, que para além da medição ser uma característica dependente do ambiente e dos genes, havia um outro conjunto de leituras a fazer nos ossos. Gradualmente, as classificações tipológicas caíram em desuso, algumas tornaram-se mesmo obsoletas. E se o risco que se corria de cair num outro extremo- o da supressão das medições-, não aconteceu, foi porque nunca deixou de se reconhecer que a osteometria é necessária para a reconstrução morfológica e caracterização geral das populações do passado. É pois hoje pacífica a afirmação de que a medida de um osso é um elemento fundamental sempre que se quer ter, por exemplo, uma estimativa da estatura ou quando se quer quantificar a robustez e o achatamento dos ossos longos, ou quando se quer ter uma ideia mais clara do formato craniano.

Em Portugal, os avanços quantitativos e qualitativos na área da antropologia biológica nos últimos 10 anos permitiram construir alicerces sólidos em termos de conhecimentos, recursos humanos e materiais, que viabilizam o estudo de qualquer resto ósseo humano.

O desenvolvimento das relações com a arqueologia e outras ciências, tem permitido um vasto leque de intervenções de campo, em espaços distintos desde Bragança a Loulé. Na sequência do investimento feito nesta área, pode afirmar-se existirem já vários especialistas no estudo dos ossos humanos (Santos, 1996; Santos, 1999; Silva, 1996; Silva, 2000; Umbelino, 1999; entre outros) no âmbito de um crescente interesse pelas questões da evolução humano de que dão conta quer o recém implantado Mestrado em Evolução Humana, quer a gradual cobertura do assunto pela imprensa portuguesa. Em curso estão estudos sobre séries arqueosteológicas que vão desde o Mesolítico à Época Moderna. Por outro lado, decorrem ou decorreram investigações em áreas diversas como a biologia do esqueleto (Wasterlain e Cunha, 2000; Cardoso e Cunha, 2000, entre outras), paleoantropologia (Bermudez de Castro *et al.*, 2000; Santos, 1996; Cunha, 1996) e a paleopatologia (Umbelino *et al.*, 1995; Santos, 1999, 2000; Cunha, 2000; entre outros).

Grande parte destes estudos têm sido desenvolvidos nas Coleções Osteológicas Identificadas da Universidade de Coimbra, compostas por duas séries de crânios e uma colecção de esqueletos (Rocha, 1995). São, de facto, uma mais valia para a paleoantropologia portuguesa. Igualmente importante é a menos conhecida e mais recente colecção de Esqueletos Identificados do Museu Bocage (Colecção Luís Lopes), que inclui perto de 1600 esqueletos (Cardoso, 2000), um número absolutamente ímpar para testar e desenvolver muitas das metodologias que inevitavelmente têm que ser empregues em achados paleoantropológicos qualquer que seja a sua origem. É de referir que muitas das metodologias empregues para caracterizar e identificar restos ósseos humanos, como por exemplo a da diagnose sexual ou da estatura, apresentam uma forte especificidade. Ou seja, as metodologias empregues têm, muitas vezes, uma aplicabilidade particularmente devedora das séries com base nas quais foram desenvolvidas. Precisamente, as investigações que têm vindo a ser desenvolvidas nos últimos anos em Portugal têm permitido, de algum modo, aferir a validade da aplicação de certas metodologias em material português

(Wasterlain e Cunha, 2000; Cardoso e Cunha, 2000; Mendonça, 1998). Como se tem percebido, grande parte destes estudos têm vindo a ser realizados maioritariamente na Universidade de Coimbra. O Departamento de Antropologia da FCTUC tem efectivamente liderado muitas investigações portuguesas no campo da antropologia física, nos últimos 10 anos.

Quanto às outras escolas antropológicas, a sua evolução no que respeita o estudo de esqueletos, não seguiu o mesmo rumo de Coimbra (Cunha, 1999). No Porto, a recente extinção do Instituto de Antropologia Mendes Correia, ilustra bem o que se passou. Não obstante o importante espólio antropológico depositado no agora Museu de História Natural, designadamente parte do espólio mesolítico de Muge, não tem havido desenvolvimentos nesta área. No ensino, a evolução do homem é ministrada numa disciplina do curso de Biologia.

Já em Lisboa, a situação é diferente. Depois de um longo período de hibernação há sinais de um novo despertar para este tipo de estudos antropológicos. Para isso muito tem contribuído a importante nova série antropológica identificada de Luís Lopes depositada no Museu de História Natural (Museu Bocage) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Cardoso, 2000). Outro sinal do fim de um longo período de letargia vem de instituições ligadas à Arqueologia: Museu Nacional de Arqueologia, Museu dos Serviços Geológicos, IPPAR, entre outros, que, reconhecendo o valor das colecções osteológicas que albergam ou que estão sob a sua tutela, têm vindo a promover algumas iniciativas que simultaneamente valorizam e divulgam esses espólios antropológicos. Ainda no âmbito da investigação, há também a destacar o recém criado CIPA-Centro de Investigação em Paleoecologia e Arqueociências integrado no IPA, que inclui uma área disciplinar de osteologia humana. No âmbito do ensino da antropologia física e da paleoantropologia, em Lisboa, há basicamente duas instituições que ministram disciplinas nesta temática, o que é manifestamente pouco. Trata-se da Universidade Nova de Lisboa, que lecciona a disciplina de Paleoantropologia integrada no curso de Antropologia e o ISCPs, da Universidade Técnica de Lisboa, mais virado para a Primatologia².

2. Avanços recentes nas técnicas de investigação antropológica

Como é sabido, as técnicas de análise de ossos humanos têm também sofrido um avanço inquestionável. O grande destaque vai para a recuperação de material genético dos ossos humanos. O acesso ao DNA das populações do passado melhorou significativamente várias áreas de pesquisa. Assim, passou a conseguir-se, por vezes, determinar o sexo de restos humanos não adultos (amelogenina e cromossoma y). Para o nosso País, o caso do Convento de Santa-Clara-a-Velha, onde no meio dos cerca de 70 esqueletos femininos foram recuperados dois esqueletos de não adultos, constitui uma boa ilustração da utilidade do DNA. Efectivamente, conseguiu-se fazer uma diagnose sexual dos sub-adultos através do DNA (Cunha *et al.*, 2000).

Pode confirmar-se a existência, ou não, de relações de parentesco entre indivíduos inumados, por exemplo, num mesmo sepulcro (Filly *et al.*, 2000). No contexto da paleoantropologia talvez o contributo mais importante seja o referente à própria evolução, quer dizer, ao facto de a sequência de nucleótidos obtida ser susceptível de informar sobre as relações filogenéticas. Acerca do potencial da extracção e amplificação de ADN de ossos humanos do passado- DNA antigo-, se, por um lado, a sua importância não está posta em causa, por outro, persistem ainda alguns problemas que implicam alguma prudência e que limitam as expectativas. O DNA está na parte orgânica do osso. Não obstante não existir uma correlação directa entre tempo decorrido desde a morte e quantidade de DNA preservado, as hipóteses de isolamento de DNA em material particularmente antigo são relativamente baixas. Simultaneamente, é verdade que a técnica de PCR incrementou, quase exponencialmente, as hipóteses de análise do material genético. No entanto, problemas como o da contaminação e o próprio conhecimento da diversidade genética actual implicam que se recorra necessariamente a um especialista em genética humana. É mais umas das ciências indispensáveis à paleoantropologia, a provar que é no contacto entre as várias áreas do saber que reside o motor do progresso na área

da evolução humana. Ora, em Portugal, ainda não existem laboratórios especializados no tratamento de DNA antigo. É fundamental que haja uma separação clara entre a análise de DNA recente e DNA antigo. Só assim se poderá ultrapassar um dos grandes obstáculos ao acesso à identificação genética de populações do passado: a contaminação. Outro aspecto não menos importante está na interpretação das sequências eventualmente obtidas. Ou seja, um primeiro tipo de problema reside na extracção e replicação, e um segundo tipo na leitura e interpretação dos resultados. A diversidade genética do homem actual, *Homo sapiens sapiens*, é extremamente limitada quando comparada, por exemplo, com a do chimpanzé o primata não humano mais próximo de nós, situação bem ilustrada por S.J. Gould (1977) ao referir que se houvesse um holocausto e um extermínio de quase toda a população mundial em que só se sobrevivesse a tribo Xhosa, da África do Sul, manter-se-ia, ainda assim, 80% da variabilidade actual.

A extracção de DNA de Neandertal, até agora bem sucedida em 3 exemplares, o que mostra bem os problemas que persistem na paleogenética- é também um bom exemplo. A análise paleogenética do úmero do Neandertal recuperado no Vale de Feldofer (Kriings *et al.*, 1997), parece indicar uma separação clara das linhagens de Neandertal e dos homens modernos desde há cerca de 600 mil anos. Este cálculo foi feito com base nas sequências de aminoácidos obtidas. Com efeito, as populações modernas diferem, em média, em cerca de oito pares de bases; este neandertal difere em 25 pares de bases. Mas, e como não podia deixar de ser, porque se trata de uma ciência polémica sujeita a um ritmo de mudança particularmente acelerado, nem todos os autores estão de acordo na interpretação destas diferenças. Poder-se-á argumentar que este neandertal, pontualmente, não se terá cruzado, mas que outros, não analisados paleogeneticamente, o poderão ter feito.

Enfim, sobre a aplicação dos estudos de ADN às questões de evolução, há ainda muito a esperar. É uma área polémica mas em franco desenvolvimento. No caso português, poderá, eventualmente, elucidar sobre a transição Mesolítico-Neolítico (análises em curso), ou ainda elucidar sobre a célebre criança do Lagar Velho 1.

A área da paleogenética é provavelmente a que mais avanços sofreu entre as diversas ciências auxiliares da paleoantropologia. Merecedora de destaque é também a paleopatologia que muito tem beneficiado dos avanços técnicos que têm vindo a permitir um melhor acesso aos ossos e, conseqüentemente, têm providenciado mais informação sobre os indivíduos/séries paleoantropológicas.

Finalmente, no que respeita os achados paleoantropológicos feitos no nosso País, no capítulo seguinte apresenta-se a listagem possível.

3. Principais descobertas paleoantropológicas portuguesas

A síntese dos principais achados paleoantropológicos feitos no território português vai ser apresentada na forma de uma listagem que segue um critério cronológico.

3.1 Paleolítico Médio

Os restos humanos mais antigos alguma vez descobertos em território Português, remontam ao Paleolítico Médio e pertencem, supostamente, a Neandertal:

· Da *Gruta Nova da Columbeira*, descoberta em 1962 pela equipa de O da Veiga Ferreira e mais tarde estudada por J.Roche, para além da abundante indústria lítica do Paleolítico Médio associada a um não menos importante conjunto faunístico, foi recuperado um dente humano (molar inferior esquerdo). Estudado por D.Ferembach (1965), foram sobretudo o contexto de onde provinha e as respectivas datações - gif-2703 26.400 950 BP para a camada 16 e gif-2704 28900 950 BP para o nível 20 (Delibrias *et al.*, in Antunes *et al.*, 1989; Raposo, 1992)- que fizeram dele um dente neandertal, dado que as suas características morfológicas, por si só, não possuem carácter diagnosticante suficiente - ideia, aliás, já adiantada pela autora do estudo do dente (Ferembach, 1965). O mesmo se aplica, aliás, a qualquer outro achado de peças ósseas isoladas.

· Doutra gruta da Estremadura, desta feita a da *Figueira Brava*, provêm os restos ósseos de outro suposto

neandertal. Dos níveis musterienses, mais exactamente, com uma cronologia obtida para conchas de *Patella sp.* de $30\ 930 \pm 700$ BP, foram recuperados, pela equipa dirigida por Teles Antunes, um dente, uma falange e um metacarpiano humanos que levam os autores da descoberta a identificar os restos ósseos como de Neandertal. Trata-se de uma descoberta que secunda a da Columbeira em cerca de 60 anos

(Antunes *et al.*, 1990; Antunes, 2000).

· Com uma cronologia idêntica (ICEN 29 200 BP (Antunes *et al.*, 1989) é o nível musteriense da *Gruta de Pedreira de Salemas*, onde foi recuperado um outro dente, desta vez um molar decidual, também ele estudado por Ferembach (1962). À semelhança do dente da Columbeira, e desta feita com a agravante de se tratar dum dente de não adulto, a sua caracterização morfológica não é suficiente para o diagnóstico.

· Os achados mais recentes deste grupo reportam-se à Gruta da Oliveira (Almonda). Os restos humanos aí detectados incluem uma falange da mão no nível 9 e a parte proximal de uma ulna no nível 10. Segundo Zilhão (2000, p.114), apesar de anatomicamente estas peças não serem diagnosticantes, " a sua cronologia (c.39 KA para o nível 9) e o material musteriense associado sugerem tratar-se de um Neandertal".

· Enfim, até à data, são essencialmente dentes os restos humanos portugueses que têm vindo a ser atribuídos a neandertais.

3.2 Paleolítico Superior

Já de contextos cronológicos do Paleolítico Superior, os restos humanos recuperados são algo mais significativos, enquanto que também a história da sua descoberta recua mais no tempo.

· Com efeito, uma das mais marcantes descobertas paleoantropológicas portuguesas, terá sido efectuada na *Casa da Moura (Cesareda)* por Nery Delgado (1865). Trata-se de um crânio adulto, muito bem descrito por Nery Delgado em "Da existência do homem no nosso território desde épocas remotas", em 1867. Este crânio poderá ser considerado como o " Cro-Magnon" por-

tuguês. Efectivamente, tanto a sua caracterização morfológica, como o contexto de origem, eventualmente um nível madalenense, fazem lembrar os primeiros homens anatomicamente modernos da Europa Ocidental. No entanto, estas afirmações não podem ser confirmadas, já que o crânio original está desaparecido do Museu dos Serviços Geológicos.

· Da *Gruta de Correio-Mor (Loures)* foi recuperado um fragmento mandibular dum nível solutrense. Esta gruta terá sido destruída para a extracção de pedra, tendo sido durante as escavações de emergência aí efectuadas, dirigidas por Zbyszewski e Veiga Ferreira (Zbyszewski *et al.*, 1987), que foi recuperada a mandíbula incompleta. Esta nunca foi analisada em detalhe (Zbyszewski *et al.*, 1981).

· A gruta do *Caldeirão*, a cerca de 8 km a norte de Tomar, foi objecto de um exaustivo estudo arqueológico por parte da equipa dirigida por J.Zilhão(1992). Com vestígios de várias épocas, designadamente do Neolítico Antigo, destaca-se, aqui, a camada Solutrense. Na Gruta do Caldeirão podem ser definidos seis diferentes camadas do Wurm a que correspondem fragmentos de seis indivíduos diferentes. As datações dessas camadas, da mais inferior para a mais superior, respectivamente, são de 27-28 mil anos BP a 11-15 mil anos BP. Na primeira camada (camada Fa in Zilhão, 1985), só foram detectados dentes isolados. Na segunda, (camada Fb, *idem*), uma falange da mão e um fragmento proximal de rádio. Na terceira camada (Fc), foi recuperado um fragmento maxilar. Na quarta(H), foi exumado um fragmento mandibular. No seguinte (I), um fragmento de tibia. Finalmente, na base da sequência (J) foi recuperado um fragmento de fémur de um não-adulto(Zilhão, 1985; 1990).

· Também na já referida gruta das Salemas foi recuperado um espólio osteológico nas camadas correspondentes ao Paleolítico Superior. Assim, dos fragmentos humanos detectados na camada do Solutrense final, destaca-se um fragmento esquerdo de uma mandíbula que terá pertencido a um adolescente analisado por Ferembach (1965). Os restantes fragmentos humanos recuperados referem-se essencialmente a diáfises dos vários ossos longos. Ferembach (1965) concluiu que os

restos humanos de Salemas correspondem a um adolescente com cerca de 14 anos de morfologia moderna.

· Da Gruta do Almonda (Torres Novas) Zilhão (*et al.* 1981) fazem igualmente referência um conjunto de ossos humanos recuperado das camadas do Paleolítico Superior, designadamente do Solutrense inicial. Trata-se de dentes isolados e fragmentos ósseos de uma criança com cerca de 8-12 anos na altura da morte (Zilhão, *comu.pessoal*). Em associação directa estavam restos faunísticos (*Oryctolagus* e *Cervus*), indústrias líticas em sílex e quartzito e ornamentos (Zilhão *et al.*1991).

· Já na Gruta da Lapa do Suão, Columbeira, Bombarral, foram recuperados dois dentes permanentes na escavação de 1974. Exumados numa camada madalenense, estavam acompanhados por ornamentos que deixam supôr uma inumação intencional. Um dos ornamentos, uma concha de *Littorina obtusata*, sabe-se não ter sido usada como ornamento depois do Paleolítico Superior (Roche, 1982; Veiga Ferreira *et al.*, 1980). Por outro lado, as datações obtidas confirmam a sua atribuição ao Madalenense (Antunes *et al.*, 1990). Os dentes foram estudados por Maria Augusta Rocha (1978): " as suas medidas incluem-nos no grupo das populações portuguesas que não sofreram uma modificação estatisticamente significativa depois do Mesolítico até aos tempos modernos. Ambos os dentes apresentam um forte desgaste. Os diâmetros buco-lingual são das medidas mais discriminates destes dentes". (Rocha, 1978).

· Sob a direcção de Veiga Ferreira, a gruta da Lapa da Rainha, perto de Maceira, foi inicialmente escavada em 1968. Das seis camadas arqueológicas identificadas, as camadas 3 e 4 mostraram sinais de ocupação humana (Zbyszewski *et al.*, 1981; Veiga Ferreira, 1989). Foi exactamente no centro da camada 3 que foram recuperados três incisivos humanos. Mais uma vez, estes dentes foram examinados por Ferembach que os classificou como dentes do Paleolítico Superior. A indústria lítica assim como a fauna apontam para uma ocupação Aurinhacense. Mais recentemente Zilhão (in Ribeiro, 1990), reclassificou a indústria lítica, incluindo-a numa fase Solutrense.

· Sem dúvida que a mais importante e mediática descoberta paleoantropológica alguma vez feita em ter-

ritório português é a da criança do Abrigo do Lagar Velho (Duarte *et al.*, 1999). Trata-se de um dos mais famosos esqueletos infantis (cerca de 4 anos de idade à morte) de toda a história da paleoantropologia mundial não só pela raridade de esqueletos infantis para o período em questão (cerca de 25 mil anos), como pela polémica que a hipótese sugerida pelos autores da descoberta e estudo antropológico propuseram provocou. Trinkaus *et al.* (1999) vêm um mosaico de características morfológicas que resultaria do cruzamento entre neandertais e homens modernos, ou seja, tratar-se-ia de um híbrido³.

Um conjunto de análises recentes, pelos melhores especialistas- designadamente sobre a estrutura do ouvido- têm mostrado que as características morfológicas desta criança são sobretudo modernas.

3.3 Mesolítico

Apresentados os principais achados paleoantropológicos portugueses do Paleolítico Superior, passamos agora para ao Mesolítico, o qual, ao contrário do período precedente, apresenta um panorama distinto, com séries osteológicas de vulto.

São do Mesolítico as mais famosas e internacionais séries osteológicas. Refiro-me aos *concheiros de Muge*, designadamente ao Cabeço da Amoreira, Cabeço da Arruda, Moita do Sebastião e Cova da Onça, de onde foram recuperados perto de 300 esqueletos. Pode afirmar-se que a história dos concheiros acompanha a história da paleoantropologia portuguesa, já que a sua descoberta foi feita nos finais do século, sendo a publicação de F. da Costa (1865), como já foi referido, uma das primeiríssimas publicações portuguesas. Também o já citado Prof. Mendes Corrêa publicou várias notícias sobre os concheiros, que investigou, ao longo de cerca de duas décadas (Corrêa, 1936; Corrêa, 1940, Corrêa, 1956, entre outros, in Cardoso, 1999). Apesar dos muitos trabalhos de que têm sido alvo as colecções osteológicas de Muge, o seu potencial antropológico não está ainda esgotado, estando para breve a publicação de um estudo que finalmente relaciona as séries dispersas por três museus distintos: o dos Serviços Geológicos, em Lisboa, o Museu de História Natural, do

Porto, e o Antropológico da Universidade de Coimbra (Cardoso, 2001; Cunha *et al.*, s.d.). Por outro lado, estão em curso análises paleogenéticas destas populações que poderão vir a contribuir dum modo decisivo para o conhecimento de uma das mais marcantes transições da evolução humana, a do Mesolítico ao Neolítico.

Ainda do Mesolítico, outra referência portuguesa incontornável, é a série dos concheiros do Sado, composta por 114 indivíduos (Cunha e Umbelino, 1998; Cunha *et al.*, 2000). Descobertos na década de quarenta (Arnaud, 1989), os seis concheiros que forneceram ossos humanos constituem uma peça essencial para o conhecimento das populações Mesolíticas da Península Ibérica e da Europa.

Ou seja, do Mesolítico português há um quantitativo ímpar de indivíduos que tem sido objecto de investigação de muitos pesquisadores.

3.4 Neolítico-Calcolítico

Finalmente, o Neolítico português é também bastante rico em séries antropológicas. Desde séries do início do Neolítico como a da Casa da Moura, descobertas no início do século, passando pelo Algar do Bom Santo (Duarte, 1998), escavado na década de 90, até às várias séries do Calcolítico, destacamos aqui apenas aquelas que forneceram um quantitativo superior a 100 indivíduos. Estão neste grupo, para além do Algar Bom Santo, o Hipogeu de Monte Canelas I (Silva, 1996), Eira Pedrinha (Gama, 2001), Cova da Moura (Silva, 2000), Hipogeu de S. Paulo (Almada) e Pai Mogo I (Silva, n.d.).

Termino com as perspectivas. A mais importante descoberta paleoantropológica portuguesa deixa supor que a criança do Lagar Velho I não estará sozinha e legítima a expectativa de outras descobertas num futuro relativamente próximo. Por outro lado, se olharmos para a vizinha Espanha, que em termos paleoantropológicos possui, para além dos primeiros europeus, o maior espólio fóssil mundial do Pleistoceno Médio, a legitimidade de esperar outras descobertas em território português fica reforçada. As prospecções e investigações arqueológicas levadas a cabo por experientes arqueólogos portugueses, como tem vindo a acontecer nos

últimos anos, vem, para concluir, dar mais pertinência à expressão de que a ausência de evidência não é evidência de ausência.

Agradecimentos: Ao Dr. Luís Raposo e ao Dr. José Brandão pelos esclarecimentos.

Setembro de 2000

Bibliografia

- ANTUNES, M.T.; CABRAL, J.M.P. ; CARDOSO, J.L.; PAIS, J.; SOARES, A.M. 1989. Paleolítico médio e superior em Portugal: datas 14C, estado actual dos conhecimentos, síntese e discussão. *Ciências da Terra* (UNL). Lisboa. Nº10: pp.127-138.
- ANTUNES, M.Telles. 1990-91. O Homem da Gruta da Figueira Brava (ca. 30000 BP). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe Ciências, tomo 31, pp. 487-536
- ANTUNES, M.Telles (ed.). 2000. *Últimos Neandertais em Portugal. Evidência odontológica e outra*, Memória da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, tomo 38.
- AREIA, M.L.R.; ROCHA, M.A. 1985. O Ensino da Antropologia. In: *Cem anos de Antropologia em Coimbra*. Coimbra. Museu e Laboratório Antropológico.
- ARNAUD, J. 1989. The Mesolithic Communities of the Sado Valley, Portugal, in their ecological setting. In: Bonsall, C. ed.- *The Mesolithic in Europe. Papers presented at the third International Symposium*. Edinburgh: John Donald. p.614-631. *Aula de Antropologia da Universidade de Coimbra*. Vol.I. Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- BERMUDEZ DE CASTRO, J.M.; SARMIENTO, S.; CUNHA, E. 2000. Dimorfismo sexual en dientes humanos. *Mundo científico*. 214 Julio/Agosto 2000: 17-21.
- CARDOSO, F. 2001. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Coimbra.
- CARDOSO, H.; CUNHA, E. 2000. Sexual dimorphism in upper limb skeletal proportions. *Biom. Hum. et Anthropol.* 18, 1-2, p.55-61.
- CARDOSO, H.V. 2000. Dimorfismo sexual na estatura, dimensões e proporções dos ossos longos dos membros. O caso de uma amostra Portuguesa dos séculos XIX-XX. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia. Universidade de Coimbra. Policopiado.
- CARDOSO, J.L. 1999. O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa. *Almadan- IIª série*. nº8:138-156. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archaeologie Pré-historiques. Compte Rendu de la Neuvième session à Lisbonne* 1880. Lisbonne Typographie de l'Academie Royale des Sciences (1884).
- CUNHA, A X., 1982. Contribution a l'Histoire de l'Anthropologie Physique au Portugal. *Contribuições para o estudo da Antropologia Portuguesa*. XI.1:5-56.
- CUNHA, E. 1996/7. Os Primeiros europeus: a evidência paleoantropológica. *Ethnologia*. (Universidade Nova). Nova série, nº 5: 57-80.
- CUNHA, E.; UMBELINO, C. 1995-1997. Abordagem antropológica das comunidades mesolíticas dos Concheiros do sado. *O Arqueólogo Português*, série IV, 13/15, p. 161- 179.

- CUNHA, E. 2000. Bioarqueologia na Pensínsula Ibérica: o estado da questão. Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular. "Os esqueletos humanos em contextos arqueológicos". No prelo.
- CUNHA, E.; FILLY, M.-L.; CLISSON, I.; SANTOS, A. L.; SILVA, M.; UMBELINO, C.; CÉSAR, P.; CORTE-REAL, A.; CRUBÉZY, E.; LUDÉS, B. 2000. Children at the Convent: comparing historical data, morphology and DNA extracted from ancient tissues for sex diagnosis at Santa-a-Clara a Velha (Coimbra, Portugal). *Journal of Archaeological Science*. Vol. 27. nº10: 949-952.
- CUNHA, E.; UMBELINO, C.; e CARDOSO, F. s.d., New Anthropological data on the Mesolithic communities from Portugal: the Shell middens from Sado. *Human Evolution*: No prelo.
- CUNHA, E. 2000. Spondyloarthropathies in Paleopathology: the differential diagnosis among several rheumatic diseases. *Curso Básico de Paleopatologia*. Barcelona. Universidad Autónoma de Barcelona. In press.
- DUARTE, C. 1998. Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo: contexto cronológico e espaço funerário. *Revista Portuguesa de Arqueologia* - vol. 1. nº2: 107-118.
- DUARTE, C.; MAURÍCIO, J.; PETTITS, P. B.; SOUTO, P.; TRINKAUS, E.; PLICHT, H. V.; ZILHÃO, J. 1999. The early Upper Paleolithic human skeleton from the Abrigo do Lagar Velho (Portugal) and modern human emergence in Iberia. *Proc. Natl. Acad. Sci. USA*. vol. 96, pp. 7604-7609.
- FEREMBACH, D. 1962. La deuxième molaire deciduale inférieure de la Grotte de Salemas. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. Tome XLVI 177-188.
- FEREMBACH, D. 1965. La molaire humaine mousterienne de Bombarral (Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos*. Tomo XLVIII (1964-1965): 185-189.
- FILLY, M. L.; BRUZEK, J.; CUNHA, E.; CRUBÉZY, E.; LUDÉS, B. 2000. Researching ambiguous sex cases in ancient skeletons of the series of Coimbra (Portugal). *Progress in Forensic Genetics*. 8: 558-560
- GOULD, S. J. 1981. *O Polegar do Panda. Reflexões sobre História Natural*. Lisboa. Gradiva.
- KRINGS, M.; STONE, R. W.; SCHMITZ, H.; KARINITZKI, M.; STONEKING, M.; PAABO, S. 1997. Neandertal DNA sequences and the origin of Modern Humans. *Cell*, 90: 19-30.
- MARKS, E. A.; BRUGAL, J. F. 2000. Excavations at the late Middle Pleistocene cave of Galeria Pesada: 1997/ 1999. *Journal of Human Evolution*. 38.3: A18 (abstract).
- MARTINS, R. C. 2000. *A fronteira antes da sua metáfora. Cinco teses sobre a fronteira hispano-portuguesa no século XV*. Dissertação de doutoramento em História. Universidade de Coimbra.
- MENDONÇA, M. C. de. 2000. Estimation of height from the length of long bones in a Portuguese adult population. *American Journal of Physical Anthropology*. 112 (1): 39-48.
- NELSON, H.; JURMAIN, R.; KILGORE, L. 1992. *Essentials of Physical Anthropology*. St. Paul. West Publishing Co.
- NERY-DELGADO, J. F. 1867. *Da existencia do Homem no nosso solo em tempos mui-remotos. Provada pelo estudo das cavernas. Primeiro opusculo. Noticia acerca das Grutas da Cesareda*. Comissão Geológica de Portugal. Lisboa.
- PAULA E OLIVEIRA, F. 1892. Caracteres descriptivos dos crâneos da Cesareda. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo II (1888-1892): 113-118.
- RAPOSO, L. 1992. O paleolítico. In: *História de Portugal*. Dir. de João Medina. Vol. 1. " O começo", coord. V. Gonçalves.
- RAPOSO, L. 2000. The Middle-Palaeolithic Transition in Portugal. In: STRINGER, C.; BARTON, R. N. E.; FINLAYSON, J. C. (eds.). *Neanderthals on the Edge*. Oxford. Oxbow books: 95-109.
- RIBEIRO, J. P. 1990. Os primeiros habitantes. In: *Nova História de Portugal*. Dir. J. Serrão e A. H. de Oliveira Marques. Vol. I, *Portugal das Origens à Romanização*, Coord. J. Alarcão. pp. 15-70.
- ROCHA, M. A. 1995. Les collections ostéologiques humaines identifiées du Musée Anthropologique de l'Université de Coimbra. *Antropologia Portuguesa*. Vol. 13: 7-38.
- ROCHA, M. 1978. Dents permanentes de la Grotte de Lapa de Suão, Portugal. *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*. Vol. X. fasc 2.
- ROCHE, J. 1951. Le niveau Paleolithique Supérieur de la Grotte de Casa da Moura (Cesareda). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. Tome XXXII 103-122.
- ROCHE, J.; FRANÇA, J. C.; VEIGA FERREIRA, P.; ZBYSZEWSKI, G. 1962. Le Paleolithique supérieur de la Grotte de Salemas (Ponte de Lousa). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. Tome XLVI: 187-207.
- ROCHE, J. 1982. A Gruta chamada Lapa do Suão (Bombarral). *Arqueologia*. nº4 pp. 14-27.
- SANTOS, A. L. 1996. Questões sobre a ancestralidade humana: o género *Australopithecus* e formas afins. *Ethnologia Nova* série, nº5: 29-56.
- SANTOS, A. L. 1999. TB files: new Hospital data (1910-1936) on the Coimbra Identified Skeletal Collection. In Pálfi, G. et al. (Eds.). *Tuberculosis Past and Present*. Golden Book Publisher Ltd., Tuberculosis Foundation. p. 127-134.
- SANTOS, A. L. 1996. How old is this pelvis? A comparison of age at death estimation using the auricular surface of the ilium and os pubis. In Pwiti, G. e Soper, R. (Eds.). *Aspects of African Archaeology*. Papers from the 10th Congress of the PanAfrican Association for Prehistory and Related Studies. Harare, University of Zimbabwe Publications. p. 29-36.
- SANTOS, A. L. 2000. A skeletal picture of Tuberculosis. Macroscopic, radiological, biomolecular and historical evidences from the Coimbra Identified skeletal Collection. PhD dissertation. Departamento de Antropologia. Universidade de Coimbra. Policopiado.

- SILVA, A.M. s.d. Antropologia biológica e funerária das populações portuguesas do litoral do Neolítico Final-Calcolítico. Tese de doutoramento em preparação.
- SILVA, A.M. 1996. Paleobiology of the population inhumed in the Hipogeu of Monte Canelas I (Alcalar-Portugal). *Actas do XIII International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences*, Forli, Itália, 8-14 september, vol.III: 437-446.
- SILVA, A.M. 2000. Dental anthropology of the Chalcolithic Portuguese population from Cova da Moura. In: T.Varela (ed.). *Investigaciones en Biodiversidad humana*. Santiago de Compostela. Imprente Universitaria: 367-374.
- TAMAGNINI,E. 1947. L'Anthropologie au Portugal. Conferência efectuada na sede do Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland em 18 de Abril de 1946. Coimbra. Tipografia Atlântida.
- TRINKAUS,E.; ZILHÃO,J. DUARTE,C. 1999. The Lapedo child: Lagar Velho 1 and our perception of the Neandertals. *Mediterranean Prehistory Online*. Novembro.
- UMBELINO, C. 1999. Novos elementos antropológicos sobre a amostra Neolítica da Gruta dos Alqueves (Coimbra): inferências sobre a dieta eleita, *Estudos Pré-históricos*, Vol. VII, pp-15-25.
- UMBELINO, C.; CUNHA, E.; SILVA, A. M. 1996. A possible case of poliomyelitis in a portuguese skeleton dated from the fifteenth century. In: Pérez-Pérez. A. (Ed.). *Salud, Enfermedad Y Muerte en el pasado*. Barcelona, Romargraf, S. A., pp. 229-235.
- VIEIRA, A B. 1996. Racismo e teoria. *Ethnologia*. 3-4. Maio/Outubro de 1995: 23-38.
- VEIGA FERREIRA, O. 1966. Acerca dos primeiros restos de Homo neanderthalensis encontrados no Musteriense de Portugal. *Lucerna*. Vol.V. Actas do Colóquio Portuense de Arqueologia, pp.361-375.
- VEIGA FERREIRA, O. 1989. Notícia preliminar sobre as escavações feitas na Lapa da Rainha (Vimeiro). *Actas das Jornadas Arqueológicas*. Lisboa. 1989. Associação dos Arqueólogos Portugueses: 273-279.
- WASTERLAIN,S.N.; CUNHA,E. 2000. Comparative performance of femur and humerus epiphysis for Sex diagnosis. *Biom. Hum. Et Anthropol*, 18,1-2,p.9-13.
- ZILHÃO,J. 1985. Neolithique ancien et Paleolithique Supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal). Fouilles 1979-1984. *1ª Reunião do Quaternário Ibérico*. Actas.GPPEQ.
- ZILHÃO,J.; MAURÍCIO,J.; SOUTO,P. 1991. A arqueologia da Gruta do Almonda (Torres Novas). Resultados das escavações de 1988-89. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas* (Lisboa 1990) Associação Portuguesa de Arqueólogos. Lisboa. 161-166.
- ZILHÃO,J. 2000. The Ebro Frontier: a Model for the Late extinction of Iberian Neanderthals: In: Stringer,C.; Barton,R.N.E.; Finlayson,J.C. (eds.).*Neanderthals on the edge*. Oxford.Oxbow books: 111-121.
- ZBYSZEWSKI,G. LEITÃO,M.; PENALVA,C.; VEIGA FERREIRA,O. 1981. Paleo-anthropologie du Wurm au Portugal. *Setúbal Arqueológica*.Vol. VIII.7-27.
- ZBYSZEWSKI,,G.; VEIGA FERREIRA, O; LEITÃO,M.; NORTH,C.T. 1987. O Paleolítico da Gruta de Correio Mor (Loures). *Setúbal Arqueológica*. Vol. VIII: 7-27.

Notas

¹ Carta de Lei de 2 de Julho de 1885). Vinha esta cadeira (8ª da Faculdade "philosophia") substituir uma outra- Agricultura, Zootecnia e Economia Rural (In Areia e Rocha, 1985, pg.13 e 14).O programa da disciplina pode ser visto em "Cem anos de Antropologia em Coimbra (ob cit, pg.28-32).

² Fora dos três grandes centros urbanos, é de referir que há núcleos de pesquisa dedicados ao estudo antropológico das populações do passado, como é o caso do recém-criado núcleo de antropologia do campo Arqueológico de Mértola que tem por objectivo principal, de momento, a caracterização da população paleocristã de Mértola (Morales, s.d. A População Paleocristã de Mértola no quadro da Alta idade Média peninsular. Tese de doutoramento em curso).

³ Hipótese que carece, na nossa opinião, de verificação. Veja-se, entre outros, os comentários de Cunha (1999), Raposo (1999); Amorim (1999) e Vieira (1999) ao artigo Trinkaus et al. 1999" the Lapedo Child: Lagar Velho 1 and our perception of the Neandertals" . In *Mediterranean Prehistory Online*. Novembro de 1999.

